

Documentário Bardo: a contação de histórias pelo viés antropológico¹

Taulan CESCO²

Ilka Margot GOLDSCHMIDT³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

Resumo

O Documentário Bardo tem o intuito de apresentar a contação de histórias como uma das possíveis formas de representação da vida humana. Explora sua dimensão antropológica, pautado sobre a relação intrínseca do ser humano com a narrativa oral, a memória coletiva e a construção de sentido. Com o aprimoramento das ferramentas linguísticas, outras formas de comunicação e preservação do patrimônio cultural passaram a ser atribuídas pelos grupos sociais, delegando à contação finalidades de entretenimento. A narrativa oral nunca deixou de fazer parte do homem, embora tenha sido minimizada a um artefato cultural remoto, obsoleto. Ressalta-se, ainda, a contribuição das pesquisas acadêmicas e de profissionais autônomos que se engendram para preservar a prática milenar.

Palavras-chave: documentário; contação de histórias; narrativa oral; memória; folclore.

1 Introdução

O presente paper apresenta as observações do processo de produção do documentário Bardo, produto da disciplina do Projeto Experimental II do curso de Jornalismo da Unochapecó. O audiovisual, com 44 minutos de duração, evidencia as perspectivas de quatro contadores de histórias e pesquisadores sobre a prática. Esses distintos olhares se convergem de modo que o documentário constitui uma narrativa “uniforme” e convida os espectadores a transitar pelo mundo imaginário da narrativa oral.

Foram cerca de 10 meses voltados à produção, organização e elaboração do produto que sofreu muitas mudanças no decorrer do percurso. Se a contação de histórias não possui mais seu caráter antropológico institucionalizado, a atividade artística tem se preservado de forma muito penosa. São poucos contadores que se dedicam à contação. A manutenção da memória, um dos eixos pelos quais a contação se sustenta, tem se fragmentado em pequenos grupos e indivíduos que se esforçam para manter a atividade.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

² Acadêmico do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: tc_cesco@unochapeco.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora Mestre em Comunicação Social do Curso de Jornalismo, e-mail: ilkamg@gmail.com.

Apresento, neste paper, as principais etapas do desenvolvimento e finalização do documentário. Trata-se de uma leitura mais pessoalizada acerca do objeto em questão, um relato honesto sobre os êxitos, as dificuldades e tentativas na elaboração do audiovisual. Em certos momentos, reflito a respeito da condução dos acontecimentos e a postura que tomei para dar continuidade ao projeto.

Em termos gerais, acredito que o intuito maior do documentário, seja por sua linguagem ou tema, é reviver a contação de histórias e evidenciar uma das formas mais importantes de comunicação que tem recebido menor notoriedade. Um dos motivos pelos quais o documentário Bardo foi concebido: resguardar aquilo que fomos e aquilo que nos permitiu ser o que somos.

2 Objetivo

Produzir um documentário de média-metragem sobre a contação de histórias, enquanto uma das possíveis representações da vida do homem,

3 Justificativa

A Arte é uma das vocações do homem. Sua mais espetacular criação. Exprime na Arte todos os seus sentimentos, prisioneiros do ser. O homem atribui significados e sentidos, às vezes sem querer expressar, apenas pela apreciação do que considera belo. E, é justamente isso que o difere dos demais animais: a manutenção de um conjunto de práticas cotidianas, a qual dá o nome de cultura.

É na cultura que se esconde a Arte, que floresce a representação do homem pelas suas linguagens. Talvez pensemos no homem como um deus; cada homem é criador de sua Arte. O homem é, portanto, o Deus da Arte. Se lhe falta os pincéis, há teatro; se lhe faltam as máscaras, há instrumento; se lhe falta a música, há cinema; se lhe faltam as películas, há mímica; se lhe faltam os gestos, há dança; se lhe falta o ritmo, há literatura; se lhe faltam os papéis, há a contação de histórias... Mas, se mesmo assim, ainda houver algo que lhe falte, o homem, Deus-Criador-da-Arte, haverá de encontrar outra forma de representar, haverá de criar infinitamente uma forma de manter seus registros pictóricos inscritos nas paredes da vida.

Entre todas as formas possíveis de representação da arte do homem, a contação de histórias surge como uma das mais antigas. São lendas, fábulas, cantigas e mitos criados com inúmeras finalidades, desde o entretenimento a registros históricos ou mesmo filosóficos e políticos. Ao longo de milhares de anos, com o lapidar das histórias, o que mudou foram as pessoas, mas o modo é o mesmo. Basta apenas um grupo de interessados, um espaço semi-iluminado, um ar de mistério ou apreensão e um contador. É o suficiente para criar e fabular, deixar a imaginação percorrer um caminho sem destino.

Mas e se vissemos a contação de histórias como uma das formas de representação da vida humana, onde a dramatização e a realidade se encontrassem e recriassem uma narrativa do que acontece, interpelada pela fantasia. Quem somos por trás das histórias? Quem se esconde atrás da voz do contador? Somos mais, somos aquilo que no fundo sempre desejamos ser. Viajamos pela brincadeira de imaginar, sem a obrigação da vida real. Somos mais, porque compartilhamos as emoções com histórias, ao sermos lembrados e registrados na memória.

O sagrado da contação se esconde nos lábios de quem vive. E quem melhor para responder tais questionamentos, senão os que contam as histórias, quem as mantêm na parede da memória, no céu de fantasia, na alma sedenta por sentimentos?

Foi utilizando o gênero documentário que pretendeu-se alcançar os objetivos do projeto e criar um mundo onde a contação de histórias é o centro da representação, da memória, da arte, da criação do homem. Mas por que fazer um documentário sobre a contação de histórias enquanto uma das possíveis representações da vida do homem? Simplesmente porque somos feitos de memórias e sensações, de sentidos e de voz. De voz que clama por manter sua história viva e prontamente é ouvida por atentos espectadores.

Ao produzir o documentário, estabeleceu-se um olhar mais amplo sobre o significado que a contação tem em nossas vidas e como, por muito tempo, ela foi parte indissociável de toda a construção histórica. Também foi possível demonstrar que existem movimentos para resgatar essa prática como manutenção das memórias sociais, folclores e contos.

4 Métodos e técnicas utilizados

Por se tratar de um documentário sobre contação de história, narrativa oral, tentamos não criar um produto convencional, mas se apropriar de elementos dessa prática para dar forma e personalidade ao audiovisual. Desde o pré-projeto, o objetivo foi produzir um documentário poético, levando em conta o mundo lírico da contação. Para tanto, a abordagem explorou elementos subjetivos e a narrativa não linear para constituir o filme. Ao construir certo significado, através da fala ou da imagem, não era preciso ser óbvio. Muito pelo contrário, o documentário manteve sua objetividade, mas explorou a sensibilidade audiovisual, permitindo o espectador interpretar o conteúdo à sua maneira, estimulando seus sentidos, sem limitando sua capacidade imaginativa.

Uma característica fundamental na contação é o tempo. Tanto o tempo da história, o tempo do contador e o tempo do público. A convergência desses diferentes tempos é que definem o compasso da história que é contada. Os silêncios, por exemplo, são essenciais em uma apresentação, pois proporcionam os ouvintes “digerir” a contação de acordo com aquilo que eles constroem em sua cabeça.

Ao citar Betty Coelho (2006), Silva e Moraes (2015, p. 230) explicam “que o tempo dado pelo contador (da lenda) para a reflexão da própria narração, para que os ouvintes mergulhem [também] na atmosfera que a audição cria (...), revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para alguns ouvintes”. Mas isso não é uma ordem apenas das narrativas orais, pode ser utilizado em outras propostas artísticas, como foi proposto no documentário. Em um trecho, por aproximadamente três minutos, uma tela preta “conduz” o espectador à criação livre de imagens fictícias; ao fundo, um conto zen seguido de uma trilha oriental força os espectadores a prestar atenção àquilo que é pronunciado. Essa “pausa visual” é tão importante quanto os momentos de silêncio ou trilha sonora, considerando que quem assiste constrói uma narrativa singular.

O documentário Bardo, se aproxima muito da linguagem da contação de história, visto que elementos-chave como memória, tempo e narrativa estão presentes do mesmo modo que no encontro afetivo. Neste sentido, torna-se inevitável a evocação de lembranças, sentimentos e reflexões ao assistir ao audiovisual, pois a presença dos elementos citados incitam à imersão no universo da narrativa oral. Segundo Candau (apud SILVA, MORAES, 2015, p. 226), a memória pode ser compreendida em, pelo menos, três partes, de acordo com o contexto sociocultural em que o termo é empregado: protomemória, em geral, as

atitudes gestuais do corpo e de expressão (verbal e não-verbal), que surgem sem que ela perceba; memória propriamente dita, aquilo que é/está preservado na recordação do sujeito, que quando evocado voluntária ou involuntariamente traz à tona lembranças singulares; e a metamemória, que expressa a representação que os sujeitos realizam ao evocar sua memória. No caso do Bardo, a metamemória se confunde com a ancestralidade do tema e desse encontro resulta o caráter de patrimônio que as memórias afetivas carregam dentro das sociedades.

Para Veiga (2015), as pinturas nas paredes das cavernas têm muito a expressar, mesmo que não há registro em palavras, esses traços emblemáticos (que muitos insistem em salientar o caráter primitivo) exprimem particularidades sobre a sociedade que os produziu.

Apenas supomos o que as pessoas pensaram ao pintá-las, todavia é inegável que elas estavam registrando um fragmento de uma história, como, por exemplo, a caça cotidiana ou seus rituais. Pode não ser exatamente uma história tal como entendemos, com começo, meio e fim, mas é um registro imagético de uma cena, tenha ela de fato acontecido ou apenas sido imaginada. (VEIGA, 2015, p. 172)

Sergio Bello, durante sua entrevista, fez uma analogia semelhante ao lembrar que as imagens produzidas pelos seres humanos ancestrais não eram tanto para contar o que havia acontecido a eles, mas para realizar o que eles esperavam, almejavam. Inclusive, é com esta reflexão que o documentário encerra, estabelecendo determinada compreensão, mas estimulando os espectadores a refazer essa trajetória histórica da linguagem, da construção de linguagem e, inevitavelmente, da construção de sentido.

5 Descrição do produtos ou processo

Chegamos à etapa mais exaustiva (não no sentido pejorativo, mas em demanda, penso eu) e a mais prazerosa de todas. A produção do documentário começou, efetivamente, no segundo semestre de 2015. Nos meses anteriores os esforços foram empreendidos na elaboração do pré-projeto, mesmo que conversas informais já tivessem sido feitas com possíveis parceiros e entrevistados.

A pesquisa dos entrevistados se deu a partir da primeira contadora confirmada (Josiane Geroldi). Ela sugeriu um contador de Florianópolis, que atua desde a década de 1980, o Sérgio Bello. Após contato, ele aceitou participar do projeto. Depois de conversar

com o Sérgio por telefone, pela segunda vez – conversa que durou longos minutos, pois a simpatia do entrevistado transcendia qualquer papo-furado, movendo-se para um discurso seminarista –, algumas indicações chegaram por e-mail cerca de uns três dias depois. Pronto, eu tinha em mãos um pequeno arsenal de novos contadores. Novamente parti à pesquisa, buscando conhecer e traçar um perfil dos sujeitos, para avaliar se suas abordagens se relacionavam com a proposta do documentário; cheguei, então, em Felícia Fleck e Gilka Girardelo. Outros telefonemas, alguns e-mails e eu estava com o quadro de entrevistados quase fechado. Havia ainda uma dúvida. “Quatro? Mas não é pouco?”, fui questionado pela orientadora. Bem, eu sabia que o número era pouco, mas o argumento foi o mesmo que me acompanhou no começo: o perfil do contador. E assim, decidimos que quatro seriam suficientes, desde que o audiovisual se tratasse de um média-metragem.

Antes de viajar a Florianópolis, onde eu entrevistaria Sérgio, Felícia e Gilka, eu realizei a primeira entrevista com Josi, aqui em Chapecó. A primeira locação escolhida foi o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), onde a contadora estava atuando. No dia gravamos a apresentação de um espetáculo dela, utilizada durante o documentário, e ao final desta sessão, depois de aproximadamente uma hora para ajustar a iluminação, fotografia, posicionamento dos cinegrafistas, áudio, sentamo-nos e começamos a conversa. Entretanto, parece que universo resolveu não conspirar, nem mesmo as crianças conspiraram no dia. A cada minuto uma delas chamava a “tia Josi”, faziam muito barulho, conversavam e riam alto, batiam à porta propositalmente... Agiram como crianças geralmente agem. Elas não entendiam a seriedade daquele encontro e Josi explicou que a relação dela com os pequeninos se tornara mais que a “tia Josi”, muitas conviviam mais com ela do que com a família. Bem, as tentativas foram muitas e outros infortúnios endossaram o mal-estar que se instaurava aos poucos na locação. Telefone tocou, cansaço físico e nervosismo de Josi, iluminação muito forte na entrevistada e o estresse coletivo da equipe que contagiou o espaço, constringendo todos. De repente, pedi à Josi se poderíamos remarcar a data de entrevista, porque o dia não estava propício. Fiquei desajeitado, mas penso que tomei a decisão mais coerente no momento. Não adiantaria insistir nas perguntas. Ela concordou e algumas semanas depois nos encontramos novamente. Desta vez, no espaço do Grupo de Teatro Expressão Universitária (GTEU) da Unochapecó. Resumindo, tudo funcionou e a entrevista, para mim, foi muito produtiva. Josi ainda permanecia

nervosa, porque achava que poderia ser excessiva, evasiva ou mesmo equivocada com suas respostas. Que nada, a jovem contadora discorreu muito bem, como era de se esperar.

De modo geral, as entrevistas no litoral foram produtivas. No caso de Felícia, ela sugeriu (insistiu) que conversássemos em um local externo, ela disse que seu apartamento era comum, não tinha nada de especial, paredes brancas e pequena sacada. Aceitei o seu pedido e resolvemos fazer a entrevista em um parque muito belo, por sinal. Um dos aspectos que não levamos em conta antes de nos encontrarmos é que um parque, geralmente, é frequentado por crianças e pessoas a fim de se exercitar ou fazer um passeio. Mais que isso, exatamente no momento em que eu comecei a gravar, um pequeno veículo parecido com um trator de jardinagem, muito barulhento, deu a partida e começou a recolher os galhos e folhagens, interrompendo o fluxo da entrevista. Minutos depois, um helicóptero sobrevoou o espaço por duas vezes e novamente a gravação foi interrompida, sem contar as inúmeras vezes que o vento nos fez parar. Iansã não colaborou no dia.

Por outro lado, as entrevistas com o Sérgio e com a Gilka não tiveram tantos imprevistos. Com o Sérgio tivemos de usar um barco até chegar a um trapiche e andar mais alguns minutos por uma trilha. Retirada de qualquer urbanidade visível, a casa ficava no alto de um morro rodeado por mata fechada e com uma vista deslumbrante para a Lagoa da Conceição. Por quase duas horas fomos recepcionados (ele fez questão de apresentar a mim sua casa e os ambientes, enquanto algum cantor de MBP tocava no vinil, dando à casa uma atmosfera única), fizemos a entrevista e terminamos a visita tomando café feito pelo Sérgio, comendo biscoitos orgânicos deliciosos e fumando alguns cigarros (senti-me muito satisfeito quando o anfitrião acendeu o seu, era o sinal de que eu poderia fazê-lo também). Já era noite quando tivemos de descer o morro para pegar novamente o barco que levava os moradores e visitantes ao trapiche de origem.

Gilka, por sua vez, morava no início da mesma rua onde desembarcamos para pegar o barco no dia anterior. Foi mais fácil chegar à casa dela. Na verdade, andamos cerca de três quilômetros até nos depararmos com o portão correto, pois não lembrávamos que o Canto do Araças era tão afastado do centro da Lagoa da Conceição. Eu pensava que não havia corredor de ônibus naquela rua estreita, mas presumir não é suficiente. Sim, o ônibus passava por lá e, claro, na volta embarcamos em um para descansar os pés.

Com tudo em mãos, parti para a construção do Documentário Bardo. Eu o vislumbrava mentalmente, mas tornar pensamento em realidade é uma tarefa consideravelmente complicada. Destaco uma estratégia, não inovadora, mas muito útil que eu adotei desde o começo das gravações: roteiro de entrevista semi-estruturado. Optei por definir um roteiro similar em sua estrutura para as quatro entrevistas que eu realizei. As perguntas foram divididas em três blocos mais genéricos com a finalidade de facilitar a montagem do documentário, pois os assuntos estavam aglomerados e, assim, facilmente identificáveis.

Ademais, dentre todos os aprendizados com a produção de um documentário – este foi o primeiro projeto que assumi inteiramente sozinho –, não posso esquecer de um detalhe simples, quase irrisório: o checklist. Pode parecer piada, mas compreendi que quando se é um documentarista, o primeiro documento a ter em mãos não é o roteiro ou a autorização do uso de imagem, mas o checklist. Nas primeiras entrevistas, certos materiais se misturaram e se perderam entre as bolsas, como a autorização de uso de imagem, que deveria ser assinada na data da entrevista, acabou sendo enviada semanas depois, via correio. Enfim, se há uma característica da produção documentária esta é a organização.

As parcerias também foram bem-vindas ao decorrer da produção. Muitos conhecidos e amigos ajudaram em funções das quais, muitas vezes, eu não tinha conhecimento. No caso da marca e da animação de abertura, pedi a um amigo (acadêmico de Produção Audiovisual, da Unochapecó) se ele poderia colaborar. A ideia era, aparentemente, simples e após um mês e meio: *voilà*, a animação estava finalizada. Quando tivemos de pensar, eu e minha orientadora, sobre o dispositivo do documentário (que determinaria a condução narrativa e o ritmo do filme) estabelecemos que um contador de histórias e ator guiaria uma grande história sobre a narrativa oral (história traduzida no documentário em si), suscitando os “ganchos” para os entrevistados à medida que suas interpelações eram introduzidas no contexto e, assim, direcionado as temáticas abordadas. Como todos os elementos do filme, de modo geral, se convergiram, era preciso criar a atmosfera da contação de histórias, e este foi o plano de fundo do filme. Outro aspecto da abertura é o poema lido pelo mesmo personagem. O texto, elaborado primorosamente por Carlos Eduardo (Cadu), acadêmico do curso de Jornalismo, conferiu ao filme um caráter muito personalizada.

Assim aconteceu com as demais parcerias, como a captação de áudio (um acadêmico de Cinema, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, colaborou nas gravações em Florianópolis), captação de imagem (outra acadêmica, também de Cinema da UFSC, cooperou nas gravações em Florianópolis). Tive a sorte de contar com o apoio de outra amiga (Designer) para confeccionar a capa do DVD. Organizei as informações, optei pela imagem frontal (com muito esforço) e a capa estava pronta.

6 Considerações

Definitivamente, produzir um documentário não é tarefa simples, nem por isso tão complicada ou impossível. Todo o arcabouço de técnicas e conhecimentos que pude assimilar ao produzir o audiovisual foi essencial por se tratar de um trabalho que demanda muita entrega daquele que o propõe. O documentário Bardo não é apenas a conclusão dos quatro anos de graduação, mas o empreendimento de muito que foi apreendido durante este período. É fato que o produto final não resultou na obra que se arquitetava em minha mente. O plano das ideias é mais audacioso do que podemos imaginar. Mas há de se reconhecer o seu conteúdo e potencialidades. Acredito que a maior contribuição desse trabalho é seu aspecto novo, não inovador, de registro sobre uma prática que ultrapassa fronteiras e se torna universal.

Tratar sobre contação de história é, sobretudo, tratar sobre aquilo que fomos, somos e seremos. Um questionamento me seguiu por longo período: Se somos o que pintamos e escrevemos – considerando que isso é parte de nossa história, aquilo que nos constitui –, seríamos o que contamos? Embora simples, a pergunta se mostra mais profunda ao passo que a reflexão se volta para o “nós” e não exclusivamente àquilo que fizemos. E mesmo aquilo que fizemos, temos de dar sentido para dar sentido a nós. As histórias se findam com o passar dos anos, e os seres humanos se findam quando não têm mais histórias para contar. Essa efemeridade da narrativa é preocupante, pois sua valorização social tem sido substituída por certa *mecanicidade* da linguagem, ou seja, sua organicidade está sendo enterrada cada vez que esquecemos de contar as histórias. Nessa lacuna, cabe a propostas como o Documentário Bardo e outras iniciativas retomar o espaço habitual da narrativa oral.

Como intuito pessoal, desde o início da produção assumi a responsabilidade dar continuidade ao documentário por meio da distribuição de cópias, exibição gratuita e promoção do documentário a fim de levar adiante e socializar em diferentes espaços a importância da manutenção da prática narrativa, seja como expressão artística, reflexão acadêmica ou de interesse público. Compreendo a contrapartida social do produto que produzi e não convenho com o fato de findá-lo na banca avaliadora, muito menos arquivá-lo na universidade.

Respondendo à pergunta anterior, se somos o que contamos, posso afirmar que sim, porque a contação nos constitui desde os primórdios da condição humana. Mas penso, também, que fomos muito mais antes, que temos nos distanciado da contação. Sendo assim, deixe-me fazer as malas, porque meu próximo desafio será este, entender quem fomos antes de sermos isto que ninguém sabe se somos.

Façamos da máxima de Cora Coralina um manifesto e nos mantenhamos sempre vivos, pois “(...) Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos”, o que se completa com o que Julio Cortázar escreve em *La Rayuela*: “Como as palavras perdidas da infância, escutadas pela última vez na boca dos velhos que iam morrendo. (...) Somente nos sonhos, na poesia, no jogo (...), aproximamo-nos às vezes do que fomos antes de ser isto que ninguém sabe se somos.” (CORTÁZAR, 2009, p. 527) Somos o que cantamos, escrevemos e pintamos? Seríamos o que contamos?

Referências bibliográficas

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs.). **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

VEIGA, Maurício Biscaia. História da arte e/ou a arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs.). **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.